

O IRMÃO DO NORTE

Barack Obama, grande esperança do mundo há oito anos, chega ao fim dos seus dois mandatos sem produzir quase nada das importantes transformações que se podiam esperar no momento da sua primeira eleição. Parece que tem consciência disso e dedica-se, nestes últimos meses, a praticar gestos reparadores com significados que se assemelham a pedidos de perdão, como a visita ao Vietnam e a Hiroshima.

Antes, fez a visita a Cuba, depois da decisão relevante e histórica, para nós da América Latina, de pôr fim ao bloqueio que por décadas, impôs tão pesados sacrifícios à pequena nação socialista. Pelejou mas não conseguiu acabar com o opróbrio de Guantánamo.

No mais, na relação com o mundo, produziu um avanço inegável, enfrentando Israel e fechando o acordo com o Irã, e prosseguiu, sem modificações na política de intervenção violenta no Oriente Médio e de aliança cosida com a Arábia Saudita, a ponto de conseguir um rebaixamento pesado no preço do petróleo, com o fim de arrasar a Venezuela e prejudicar bastante a Rússia e o Irã. Prosseguiu na tradicional provocação à Rússia, colocando na Ucrânia um governo a seu favor, e no hábito de controlar a América Latina, vencendo a eleição na Argentina, dando golpes disfarçados no Paraguai, em Honduras e no Brasil, e sufocando mortalmente o chavismo na Venezuela.

Que me lembre, internamente conseguiu mover só um peão no xadrez político: um furiinho no paredão neoliberal, com uma pequena participação governamental no sistema de saúde completamente amercadado.

Entretanto, a sua sucessão pode trazer novidades. Mais provavelmente, não trará, e Hillary Clinton dará prosseguimento, novamente com avanços e recuos, à diretriz traçada pelo grande capital. Mas pode ser (quem sabe?) que Donald Trump, o milionário irado, vença o pleito, como venceu os adversários republicanos, para espanto da opinião tradicional; e no poder erga o anunciado muro de separação, contra o México e contra a América Latina. Quem sabe este muro venha a ser a abertura para caminhos próprios de toda esta outra América subjugada, ao sul do Rio Grande?

A outra possibilidade improvável, mais remota, seria ainda melhor, já que o Senador Bernie Sanders, um socialista para os padrões do grande capital, tem repetido a expressão: “chega de ficar dando golpes na América Latina”. Um espanto!

Não é à toa que a nossa mídia dá mais destaque às eleições americanas do que a todos os outros acontecimentos pelo mundo a fora; trata-se de um evento que decide muito do futuro da nossa nação, e delas mesmas, as empresas midiáticas.

Em 1822 forjou-se no Brasil um projeto de nação independente de Portugal. Duzentos anos depois, em 2022, tomara que o Brasil seja capaz de reafirmar este voto de soberania perante o grande irmão do Norte. Este foi o sentido principal de toda a minha vida política.

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br